

A igreja católica e o protagonismo das periferias das grandes cidades¹

Giji Pichappillil MATHEW²

Resumo:

O artigo aborda a atual situação política no Brasil, partindo das mudanças na participação política que aconteceram num bairro populoso da periferia de São Paulo. A Igreja Católica de vertente Popular foi um dos veículos que protagonizou a politização dos camponeses e das populações periféricas das grandes cidades no Brasil. O pensamento marxista inspirou os intelectuais orgânicos da Igreja e da esquerda para fazer uma leitura da Bíblia a partir da realidade social e política vivida pela própria população. A Teologia da Libertação foi o pensamento que conduziu as lideranças da Igreja Popular a iniciar milhares de pequenas comunidades católicas que são conhecidas como Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). O objetivo principal da pesquisa é para compreender o papel da Igreja Católica de vertente Popular na formação dos novos atores sociais e as causas do esfriamento da participação política dos moradores do bairro do Parque São Rafael na Zona Leste, na cidade de São Paulo através da memória dos velhos. A metodologia trabalhada enfoca às técnicas qualitativas e grupo focal formado por 12 mulheres. Os dados apresentados neste artigo foram coletados em oito encontros feitos no ano de 2014. Autores como Bresser-Pereira, Sartori, Durham são fontes teóricas que ajudarão para uma melhor compreensão da democracia e dos fatos políticos.

Palavras-Chave: Igreja Popular; Atores Sociais; Memória; Empoderamento

1. Introdução e o problema

A jovem democracia do Brasil está passando por uma das maiores crises de solidez e de independência das suas instituições. Os bairros periféricos foram o berço dos Movimentos Sociais, populares e sindicais que tiveram um papel fundamental na redemocratização do país na década de 1980 e na tomada do poder do Partido dos trabalhadores (PT) no ano de 2002.

O artigo tem finalidade de apontar alguns dados importantes que foram levantados na pesquisa feita pelo autor no bairro do Parque São Rafael, na Zona Leste de São Paulo,

¹ Trabalho apresentado na XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada na Pontifícia Universidade Católica – Campinas, 17/8/2017

² Doutorando em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Brasil (Mathew, 2015). O foco desta pesquisa se concentra na memória das pessoas que têm acima de 70 anos de idade, auto identificadas como católicas, moradores no bairro. É um bairro periférico com uma população na sua maioria formada por migrantes na década de 1960, numa época de forte industrialização no Brasil e na América Latina. Diante das inquietações e incertezas políticas e sociais que o Brasil passa no momento atual, voltam as reflexões para as questões que abordam a participação popular na discussão política no país que estava adormecida nas últimas duas décadas.

O Brasil tem uma história social e política ‘prussiana’, onde as reformas políticas e sociais foram feitas a partir das camadas sociais que sempre detinham o poder econômico e político em suas mãos. Essa realidade se retrata na representação política do país, desde a colonização, passando pela independência. Qualquer tentativa de mudar este percurso do poder se interrompe como no caso que aconteceu com a ditadura no ano de 1964. O poder midiático, político e econômico se concentram nas mãos das classes mais privilegiadas que obstruem brutalmente qualquer processo de mudança no campo político e no econômico do país. Ao longo da história, houve uma conscientização das camadas mais pobres da sociedade pela influência do pensamento marxista no Brasil, também, as influências das revoluções que estavam acontecendo nos países da América Latina, como por exemplo em Cuba no ano de 1959.

A Igreja Católica de vertente Popular foi um dos veículos que protagonizou a politização dos camponeses e das populações periféricas das grandes cidades no Brasil. O pensamento marxista inspirou os intelectuais orgânicos da Igreja e da esquerda para fazer uma leitura da Bíblia a partir da realidade social e política vivida pela própria população. A Teologia da Libertação foi o pensamento que conduziu as lideranças da Igreja Popular a iniciar milhares de pequenas comunidades católicas que são conhecidas como Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Essas comunidades foram escolas, onde, o povo seguia uma pedagogia do Paulo Freire, o educador brasileiro conhecido mundialmente pelo método inovadora da educação. Nas CEBs, os participantes que pertenciam às camadas pobres, começaram a criar uma consciência política e social. Essa consciência ajudou a desencadear novos movimentos sociais e populares e

fortalecer outros tantos que já existiam na sociedade brasileira. Dona Judite³ foi uma liderança importante na Zona Leste, a fala dela confirma essa realidade:

Aqui na Paróquia os padres nos apoiavam muito nas lutas sociais. Eu mesma participei em vários movimentos. Naquela época tínhamos aqui a Pastoral Operária, Movimento pela Moradia e Movimento de Saúde que foram mais fortes. Sabe, me parece naquela época a gente tinha mais consciência dos nossos direitos e o povo ia para luta mesmo. Sabe, estes líderes políticos do PT (Partido dos Trabalhadores) muitos cresceram aqui, o Lula mesmo já veio muitas vezes aqui com a gente (JUDITE, 76 ANOS).

Percebe-se na fala da Dona Judite que as lideranças da Igreja Popular foram importante instrumento no processo de fomentação das lutas políticas e sociais. Muitos desses núcleos surgiram nas dependências da Igreja Católica Popular, nas casas dos fiéis e nos sindicatos. Esses mecanismos deram início a uma transformação política social no Brasil. Com o apoio dos intelectuais orgânicos da esquerda, da liderança da Igreja Católica Popular e dos líderes sindicais, foi fundado um partido político que veio a ganhar a eleição para a presidência da República democraticamente, no ano de 2002.

2. Objetivo da pesquisa

O objetivo principal da pesquisa é para compreender o papel da Igreja Católica de vertente Popular na formação dos novos atores sociais e as causas do esfriamento da participação política dos moradores do bairro do Parque São Rafael na Zona Leste, na cidade de São Paulo através da memória dos velhos.

3. Hipóteses da pesquisa

1. A Igreja Católica de vertente Popular desempenhou um papel importante na formação dos novos atores políticos e sociais no bairro do Parque São Rafael na Zona Leste de São Paulo nas décadas de 1970 e 1980.

a. Hipóteses auxiliares

1. Há um afastamento dos moradores dos movimentos sociais e populares, assim um esfriamento na participação política.

³ Os nomes dos interlocutores são fictícios, a pedido deles. Porém, o pesquisador tomou a liberdade de ar nome para cada interlocutor. São nomes das pessoas que marcaram a vida do pesquisador e que surgiram na memória espontaneamente.

2. A chegada ao poder do Partido dos Trabalhadores (PT) tenha causado um esvaziamento dos Movimentos sociais e Populares nos bairros periféricos.
3. Os líderes conservadores católicos e o avanço dos pentecostais no bairro nas últimas décadas têm influência na participação política dos moradores.

4. Técnicas da pesquisa

Ao trabalhar com as memórias das pessoas, que têm acima de 70 anos de idade, precisei de recorrer às técnicas qualitativas. O grupo focal foi o método da pesquisa utilizado. Os interlocutores são pessoas que têm mais de setenta anos de idades, católicos praticantes que moram no bairro do Parque São Rafael. O grupo focal foi formado por 12 mulheres idosas. As reuniões começavam às 14.30h nas 2ª e 4ª quintas feiras do mês e terminavam às 16.30h, com uma duração de duas horas de partilha. Essas eram feitas duas vezes por mês. Os dados para a pesquisa foram coletados nos oito encontros feitos no ano de 2014. Além disso, foi feita uma entrevista com Pe. José, que era um dos incentivadores dos movimentos sociais e populares no bairro e mais três entrevistas, duas com lideranças leigas, foram eleitas como representantes do primeiro conselho da saúde da zona leste de São Paulo e uma outra com um líder comunitário com 92 anos de idade.

Cabe ainda dizer que, nos encontros do grupo focal, foi usado um tópico guia para conduzir as discussões e as partilhas. Os membros do grupo focal são pessoas que vivem neste bairro por muitos anos, participaram na história da construção do bairro, na história da Igreja Católica no bairro. A coleta dos dados sobre a memória não segue uma linearidade, revelando os seus próprios mecanismos. Como diz Bernardo (2007), é um ir e vir constante. Os caminhos são de profunda complexidade, demonstrando aspectos multifacetados das potencialidades do lembrar. As 12 mulheres que fazem parte do grupo focal são viúvas, pois, elas disseram: *“os homens morrem mais de pressa”*. Todas são aposentadas ou pensionistas e têm casa própria. Apesar da idade avançada e problemas de saúde, são bem ativas.

Elas se sentem felizes de relembrar a história do bairro e reconstruir os sonhos vividos. Uma nova história está em construção, aqui nesta pesquisa se conta essa nova história, esquecida da história oficial, construída na periferia de São Paulo pelos homens e mulheres simples. É evidente na fala de um dos meus interlocutores ao dizer: *“a gente se sente importante ao lembrar e contar aquilo que nós vivemos e passamos”* (MÔNICA, 77ANOS). Uma sociedade de igualdade e dignidade se constrói quando os indivíduos e os grupos esquecidos se sentem importante nela.

5. Referencial Teórico

5.1. Memória e a construção sócio-política.

A memória faz com que as situações vividas e testemunhadas sejam lembradas e valorizadas na compreensão dos fatos e das realidades. Ao falar da memória, Pollak ressalta a importância de memórias no contexto social, dizendo:

Podemos dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também, um fator extremamente importante dos sentimentos de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua construção em si (POLLAK,1992, p.204).

Seguindo o pensamento de Pollak, o recurso da memória pode possibilitar muito mais uma pesquisa, à medida que permite descortinar situações conflituosas, discriminações, jogos de poder entre pessoas e grupos sociais e políticos. Halbwachs (2013) diz que a realidade social e política que vivenciamos, é uma continuidade da sociedade em que os velhos construíram suas vidas pelas próprias memórias e pelas memórias dos outros. Pelo recurso da memória é possível, também, captar os sentimentos experimentados, pois a lembrança do acontecimento vivido faz com que afloram o ódio, o amor, a alegria, a tristeza, o conformismo e a revolta. A sociedade é constituída e mantida por seres humanos em ação, onde os velhos lembram a história desta ação humana, que muitas vezes são esquecidas pelos mais jovens, mas são lembrados com muitos sentimentos, do orgulho, da vergonha e da indiferença, são pedaços desta construção social e política em suas memórias. Quando estes segmentos se juntam, conseguem

construir uma memória sócio-política ou uma memória coletiva que necessariamente é uma história social.

5.2. Formação das periferias urbanas.

Os bairros periféricos das grandes cidades foram formados predominantemente pelos migrantes que buscavam uma vida melhor com a explosão das indústrias no Brasil depois da grande crise financeira de 1929⁴, principalmente com a queda do preço de café no mercado nacional e internacional. As narrativas dos moradores do bairro Parque São Rafael relembram a história de uma família sertaneja apresentada no famoso romance brasileiro; “Vidas Secas” de Graciliano Ramos (2006). A maioria dos migrantes foram trazida para cidade pela seca do Nordeste e pela quebra da lavoura de café na região sul e no Sudeste. A implementação do desenvolvimento industrial nas grandes cidades e a quebra do agronegócio desencadeou uma migração em massa do campo para as cidades. Desse modo, deu-se o surgimento das novas periferias, principalmente nas grandes cidades como São Paulo. A migração do campo à cidade era um fenômeno social que acontecia no Brasil, desde os anos de 1930 e depois foi intensificando, a acompanhar pelo processo de industrialização da economia. Importante a observação de Durham:

A população urbana brasileira que, em 1920 não representava mais do que 10% da população total atinge [...] Em 1970, pela primeira vez, a população urbanizada excede a rural – dos 93 milhões de brasileiros recenseados em 1970, 52 milhões, isto é, 56 % residia nos aglomerados urbanos (DURHAM, 1973, p. 20).

Esse retrato que autora traz ajuda a compreender a força do fenômeno social e político da migração, que aconteceu nessas décadas no Brasil. Ao migrar para a periferia da Zona Leste de São Paulo, os moradores tiveram que reconstruir as suas vidas numa nova realidade. A lógica de espaço definido na sociedade rural é quebrada na realidade urbana. Segundo Comblin, na zona rural os papéis são bem definidos, as iniciativas nas

⁴ A revolução nacional e industrial que então começa marcou o fim do Estado oligárquico e o início do Estado nacional-desenvolvimentista. Essa transformação, entretanto, só foi possível porque a própria oligarquia se dividira regionalmente, e os setores voltados para o mercado interno dessa oligarquia aliam-se às camadas médias urbanas na luta por maior participação política (BRESSER-PEREIRA, 2015. P.113)

atividades públicas são tomadas pelos fazendeiros, que são muitas vezes os próprios políticos, e poder religioso se concentra no clero. Na cidade, essas delimitações do poder são quebradas ao dizer:

A cidade ajuda a vencer o medo de falar e de expressar um pensamento próprio. No campo, todos concordam com as autoridades, votando nas lideranças tradicionais por medo inconsciente de enfrentar os poderosos. Esse medo desaparece nas cidades. As pessoas começam a dizer o que acham em primeiro lugar em matéria religiosa, perdendo o temor em relação aos padres, depois em a matéria política e, até, em matéria moral, em que desafiam a própria família (COMBLIN, 1994, p.78).

A observação do autor demonstra as mudanças que aconteçam nas pessoas ao chegarem numa realidade urbana. Um homem invisível no campo se transforma em um sujeito ao chegar à periferia da cidade, ou seja, novos atores sociais estão surgindo nesta realidade. Neste novo espaço, os líderes da Igreja Popular ajudam os moradores a criar consciência da sua própria condição de vida na sociedade e convocam para uma participação política mais ativa.

5.3. Igreja Popular e a democracia.

Na formação da Igreja Popular e seus novos sujeitos no Parque São Rafael, remeto-me ao período de história, onde, os setores populares atuavam nos projetos sociais, em especial pela não valorização de uma cultura elitista. Para conferir esse momento, recorro ao sociólogo Wanderley (2007), com o populismo, as elites e os ditadores elaboraram um projeto nacional associando-o aos setores populares. Quanto à cultura popular, talvez seja melhor, de início defini-la negativamente como uma cultura não oficial, a cultura da não elite, das “*classes subalternas*” como chamou Gramsci (BURKE, 1989, p.15). Surge então, a categoria povo, que já não era massa e não participava da elite, eram agrupamentos intermediários, relativamente organizados e associados aos ideais formulados pelas elites e o estado nacional. Esse movimento se espalhou pela Igreja Católica também:

Esse conceito influenciou a Igreja e, nos anos 50, surge uma espécie de populismo eclesiástico, penetração nos movimentos populares buscando um cristianismo militante, projeto pastoral da hierarquia e atuação do laicato no mundo em nome da Igreja (WANDERLEY, 2007, p.31).

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

A Igreja Popular é a manifestação do povo em geral, que começa a expressar a sua fé numa forma particular, através das expressões da religiosidade popular e as criatividades de expressão da fé, em que o próprio homem e a mulher se tornam os protagonistas da expressão religiosa. Segundo Leonardo Boff:

Na América Latina, por causa da cosmovisão religiosa predominante entre o povo, a Igreja desempenha uma relevante função reprodutora ou contestadora. Nos grupos subalternos predominantemente religiosos, a elaboração de uma visão cristã independente, alternativa e oposta à classe hegemônica, significa o ponto de partida do seu processo libertador, que terá sucesso histórico na condição de se atingir um certo grau de consciência (BOFF, L,1981, p.167).

Essa cosmovisão afeta profundamente a sociedade em que a Igreja está inserida. Para chegar a este ponto da visão da Igreja, ela precisava passar por um longo caminho. Para este autor a Igreja da América Latina toma uma dimensão social e política, e se abre para esse novo caminho depois do Vaticano Segundo (1962 -65)⁵. No contexto de mudanças sociais e políticas, pelos quais o Brasil passa, é fundamental compreender as implicações sociológicas do termo Igreja Popular e, assim consequentemente, a expressão da classe conhecida como o povo. Segundo Leonardo Boff (2004), a Igreja Popular se forma a partir de milhares de comunidades cristãs, majoritariamente constituídas de pobres, trabalhadores, mulheres, gente que vive nas periferias das cidades ou no campo, que realizam um modo novo de ser Igreja. As relações entre os membros são de comunhão e solidariedade, unindo fé e vida; o exercício do poder sagrado não é mais predominantemente burocrático, centrado no eixo clerical (padre e bispo), mas colegiado. Nessas Igrejas comunidades, a figura do padre e do bispo não representa tanto a autoridade, mas alguém que anima e acompanha o dia a dia das comunidades.

⁵ A repercussão do Vaticano Segundo também influenciou a Igreja do Brasil, ela vinha passando por um processo de renovação de um segmento por uma opção para ser uma Igreja mais popular, liderado pelos bispos como: Dom Helder Câmara, Dom Paulo Evaristo Arns, Dom Luciano Mendes e tantos outros, bem como alguns religiosos como Leonardo Boff e Frei Betto etc. Nos anos sessenta, o Brasil passava por uma grave crise política pela tomada do poder pelo golpe militar, devido muitos fatores externos e internos. Um dos fatores que mais influenciou foi a crescente presença do comunismo no continente. Essa crescente influência do comunismo no continente fez com que as classes elites com o apoio dos Estados Unidos apoiassem a golpe militar no Brasil e nos vários países de América Latina.

Neste contexto, é importante frisar que o início das eleições democráticas como nós conhecemos hoje, tem a sua origem nos mosteiros. Segundo Sartori; “a forma de conduzir eleições, o voto secreto, a maioria simples *versus* a maioria qualificada, tudo isso e mais um pouco foi virtualmente reinventado e transmitido a nós pelos monges” (SARTORI, 1994, p. 192). Esse pensamento democrático do mundo religioso se instalou com a democratização dos países no ocidente, após o período da colonização e a desintegração do poder das monarquias.

No Brasil, a Igreja Popular teve um papel fundamental na redemocratização do país, após a ditadura, que perdurou quase três décadas. As pequenas comunidades conhecidas como Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)⁶ foram núcleos de conscientização política e antropológica das pessoas que eram praticamente excluídas historicamente de todo o processo democrático neste país. Neste processo de conscientização, a *Teologia da Libertação*⁷ teve uma influência na concepção da condição sociopolítica do país. A nova compreensão da condição social em que eles se encontravam, fez com que tivessem mais engajamento nas lutas sociais para terem uma mudança política no nível local e nacional. O retrato político e social brasileiro, segundo Coutinho (2011, p.63); “O papel das determinações herdadas e reproduzidas é de imediata identificação: reforçando os traços autoritários da “via prussiana”, elevando a um nível superior a exclusão das camadas populares dos processos de decisão política”. Essa constatação do

⁶ As comunidades eclesiais de base (CEBs) são pequenos grupos organizados em torno da paróquia (urbana) ou da capela (rural), por iniciativa de leigos, padres ou bispos. [...] São *comunidades*, porque reúnem pessoas que têm a mesma fé, pertencem à mesma Igreja e moram na mesma região. Motivadas pela fé, essas pessoas vivem uma comum-união em torno de seus problemas de sobrevivência, de moradia, de lutas por melhores condições de vida e de anseios e esperanças libertadoras. São *eclesiais*, porque congregadas na Igreja, como núcleos básicos de comunidade de fé. São *de base*, porque integradas por pessoas que trabalham com as próprias mãos (classes populares): donas-de-casa, operários, subempregados, aposentados, jovens e empregados dos setores de serviços, na periferia urbana; na zona rural, assalariados agrícolas, posseiros, pequenos proprietários, arrendatários, peões e seus familiares (FREI BETTO, 1985, p. 16 -17).

⁷ A palavra libertação sobressai no vocabulário das CEBs. Ela está presente nos cânticos, na meditação do Evangelho, no plano de ação. Ela ajuda a comunidade a passar de uma consciência social reformista para a consciência da transformação social, da modificação do modo de produção capitalista [...] Mas é na luta pela água no bairro que a dona-de-casa descobre o verdadeiro caráter do regime político em que ela vive e perde suas ilusões a respeito do interesse do Governo pelo povo. E nessa luta que ela adquire confiança na organização e mobilização popular (FREI BETTO, 1985, p. 24 -25).

autor era evidente na vivência dos moradores nos bairros periféricos da cidade. A democracia para se tornar ativa no seu sentido pleno deve ter a participação de “*demo*” na escolha de seus representantes para legislar e proteger a soberania. Não obstante, historicamente, no Brasil e na América Latina, os governantes tinham a cor e a classe social definida. Neste contexto histórico e social, acontece o surgimento de novas personagens políticas e sindicais no cenário local e nacional.

5.4. O despertar político da camada popular no Brasil

Na história do Brasil, há traços de vários momentos em que as populações da baixa camada se uniram contra o poder hegemônico no país. Alguns dos movimentos mais importantes foram despertados pelas influências dos religiosos da Igreja Católica, tais como: Movimento de Cabanagem no Norte, Movimento dos Canudos no Nordeste e o Movimento do Contestado no Sul. O pensamento comunista teve também uma boa aceitação pelos intelectuais e chegou a ter uma força importante no país, o que demandou uma intervenção direita e forte a partir das classes dominantes para conter essas forças emergentes das novas classes políticas.

Essa tentativa de conter o avanço de uma força política comunista no país, instalou a ditadura no ano de 1964 no Brasil, que foi um movimento orquestrado da direita não só no Brasil, mas quase em todos os países na América Latina numa época conhecida como guerra fria, onde o poder político e militar no mundo era polarizado entre os Estados Unidos da América (USA) e União das Repúblicas Socialistas Soviética (URSS). As influências dessas duas potências eram evidentes em todas as partes do globo. A ditadura que perdurou até o ano de 1985, foi um tempo de surgimento de muitos grupos organizados, que agiam contra o poder dos militares. Foi um tempo de conscientização da massa sobre a importância da democracia e a fundação dos partidos políticos⁸ que posteriormente chegaram ao poder pela eleição direta no país.

⁸ Principalmente dois partidos políticos importante no cenário nacional, como: PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira) que foi fundado no ano de 1988, principalmente com participação de uma ala de intelectuais que lutaram contra a ditadura no Brasil. PT (Partido dos Trabalhadores) foi fundado no ano de 1980 pelos líderes sindicais com apoio dos líderes da Igreja Popular e com intelectuais da esquerda e com liderança dos Movimentos Sociais e Populares.

O surgimento dos partidos políticos abriu novas janelas de possibilidades de participação política de representantes das novas camadas sociais, principalmente oriundos dos sindicatos, Movimentos sociais e populares. Portanto, os espaços das indústrias, sindicatos rurais e metalúrgicas, espaços da Igreja Popular, Movimentos Sociais e Populares se tornaram novos campos de consciência e participação política no Brasil, principalmente nas décadas de 1970 e 1980. Foram épocas de surgimento de várias lideranças políticas no cenário local e nacional das periferias urbanas e classes populares. Mas, o fato que chama muito a atenção do autor, é de que na última década tem havido um esfriamento desses movimentos sociais e uma mobilização social e política nas periferias, ao contrário do que acontecia nas décadas de 1980 e 90; houve um silêncio das massas das periferias urbanas e um afastamento das lutas sociais e políticas. As periferias urbanas que se transformaram em locais de grito do povo pelos direitos sócias e democráticos, com o tempo, foram se modificando em espaços de silêncio e abandono do poder público.

6. Os resultados obtidos da pesquisa

6.1. Enfraquecimento da Igreja Popular no Brasil.

Igreja Católica de vertente Popular teve um papel importante na construção de uma consciência política social da camada popular no Brasil. Sobre o processo de construção da cidadania, Stuart Mill dizia: a participação eleitoral tem um grande valor educativo; [...], tornando-se assim membro consciente de uma comunidade (BOBBIO, pp.56, 57). Um exemplo da conquista popular na política foi a eleição de Luíza Erundina como prefeita da maior metrópole da América Latina pelo Partido dos Trabalhadores no ano de 1988. A grande parte dos votos conquistados pela então candidata vieram das camadas populares das periferias da zona urbana. Neste processo de transformação da força política entre as camadas populares, as lideranças da Igreja Popular tiveram um papel fundamental. Muitos espaços da Igreja Popular foram usados como comitê e do discurso político de mudança no cenário sociopolítico vigente no país. Não obstante, dentro da Igreja Católica, existia um movimento das forças conservadoras contra as

lideranças da Igreja Popular e o engajamento político delas. Percebemos que a partir do final dos anos de 1980, há uma tentativa de sufocar a força da Igreja Popular e a Teologia da Libertação no Brasil. Essa estratégia é executada através das transferências dos líderes da Igreja Popular, assim desarticulando a equipe local e a mobilização popular. E o fortalecimento dos movimentos conservadores como Movimento Carismático, missas de cura e libertação e o aparecimento de padres cantores na mídia com o intuito de enfraquecer as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que foram a força da sustentação da Igreja Popular no Brasil. Um grande animador da Igreja Popular no bairro do Parque São Rafael, Padre José conta:

O povo celebrava a sua vida e as suas lutas nas celebrações litúrgicas. Esse é o verdadeiro sentido da liturgia, que celebra a vida apesar das dificuldades. A liturgia deve ser uma celebração da vida e elas eram assim naquela época. Eu posso dizer que era tempo de primavera na Igreja Católica. Hoje, a Igreja está muito mudada (PADRE JOSÉ, 72 ANOS).

A memória de Padre José revela a mudança que ocorreu dentro da Igreja Católica no bairro. Assim, o espaço físico da Igreja católica deixa de ser o espaço das reuniões dos movimentos sociais e populares e os líderes são substituídos pelos outros, que são conservadores.

6.2. Partido dos trabalhadores no poder e o imaginário popular.

O imaginário popular é uma construção a partir da sua experiência histórica vivida e construída ao longo de séculos. O povo é uma categoria política que não faz parte da “elite que governa”, nem da “elite que não governa”, mas dos governados ou da “não elite” (Pareto, 1996). No Brasil, essa classe forma a maioria da população, são remanescentes dos escravos, indígenas e os imigrantes pobres, que nunca fizeram parte das classes elites. Ao despertar uma nova consciência política social nessa camada, encontramos um surgimento de novas lideranças políticas ou os novos atores sociais dessa camada conseguem infiltrar nos círculos de poder da elite que governa. Os líderes sindicais e dos movimentos sociais se lançam como candidatos na primeira eleição direta depois da redemocratização do país no ano de 1984. Alguns desses líderes

populares ganham sua força política das camadas populares que moram nos campos e nas periferias de grandes cidades. Costurando alianças com alguns grupos de elites que governam e elites que não governam, o Partido dos Trabalhadores (PT) almeja o cargo do presidente da república e consegue chegar ao poder no ano de 2002.

A chegada ao poder dos representantes das camadas populares é celebrada com um entusiasmo, provavelmente, como nunca antes na história do Brasil. Porém, para compreender os desdobramentos políticos sociais a partir desse evento, é necessário entender as raízes culturais da população não elite. O imaginário do povo brasileiro é construído a partir de um pensamento de “governados por outros”, onde o poder da decisão sempre partia da “Casa Grande”, nos engenhos, nas fazendas de café, nas autoridades eclesiásticas e nos coronéis. O povo apenas obedecia, a sua sobrevivência econômica, política e moral dependia das classes dominantes. Esse pensamento floresce de novo, o povo transfere toda sua responsabilidade de governar para os seus representantes, os quais já se encontravam como parte de uma elite governante. Não obstante, os movimentos sociais e populares foram perdendo o fôlego. Os movimentos sindicais esperaram de braços cruzados, para que os seus representantes decidissem por eles. Constatamos que a partir da chegada de novos representantes ao poder, em consequência de uma aliança política com alguns setores de elites com poder e elites sem poder da sociedade brasileira, o povo reativou o seu imaginário de que jamais precisará das lutas, pois agora, há alguém que é do poder e tomará decisões ao seu favor. Os líderes dos movimentos sociais e sindicais, até então eram representantes da “não elite”, ao chegar ao poder enquadraram-se nas classes das elites. Essa alternância no poder resultou no afastamento desses líderes da base da pirâmide social do poder e consequentemente um afastamento do povo. Esse fato se constata ao observar que a maioria desses novos atores sociais e políticos mudaram os seus endereços de moradia para bairros mais nobres.

6.3. Alienação do povo por meio de uma cultura de consumo

O projeto liberal desenvolvimentista, na década de 2000, impulsionou a população ao consumo (Bresser-Pereira, 2015). Essa tendência se cristalizou através das medidas

econômicas de incentivos fiscais e isenção dos impostos para acelerar a capacidade de consumo de bens das classes populares. Conseqüentemente, os mercados de móveis, imóveis e serviços dispararam entre as classes populares da sociedade brasileira. A fala da Dona Madalena revela a força do consumismo e a alienação dos muitos jovens do bairro, ela lembra:

Nós nascemos pobres e vivemos pobres, quando eu era jovem, ainda dava para trabalhar e cuidar dos filhos, depois que fiquei velha, ninguém dá muita importância para gente. Parece que a gente não vale muita coisa! Os jovens não querem ouvir o papo dos velhos, não. Os jovens só querem saber de celular e do shopping center. A gente vive esquecida no mundo (MADALENA, 76 ANOS).

A fala da Dona Madalena revela as mudanças dos valores culturais que ocorreram na nova geração do bairro. Não obstante, essa obstinação pelo consumo mantém a população alienada de uma participação política ou social através dos mecanismos legais que o Estado brasileiro oferece. Constata-se neste período o esfriamento das lutas sociais no sentido de uma construção de cidadania e um acompanhamento das políticas públicas executadas pelos governantes.

No campo de educação, apesar dos pequenos avanços conquistados, não houve uma preocupação ou investimento relevante nas áreas de educação infantil e básica, no sentido de preparar uma geração com uma consciência mais crítica e cidadã. Os bairros periféricos das grandes cidades continuaram sem infraestruturas de transporte, segurança, saúde e lazer, ou seja, sem uma presença efetiva do Estado. Os grupos organizados que existiam nos bairros periféricos em função de reivindicações das melhorias foram se diluindo na maré do consumo de bens e serviços. O modelo de construção política, sem ter um investimento nas áreas de educação e saúde, deixou a grande parte da “não elite”, sem a capacidade de organizar como uma sociedade civil crítica e construtiva.

6.4. O projeto de manutenção no poder dos governantes.

O atual governo vem alimentando mais uma política de manutenção no poder do que a manutenção da atividade política no seu “stricto senso”. Essa política de manutenção no poder impede o governo de fazer as reformas estruturais para que o trânsito das pessoas

entre os seguimentos, tais como: as “elites que governam”, as “elites que não governam” e a maioria “não elite” (Pareto, 1996). A circulação das pessoas entre esses agrupamentos da pirâmide social ajuda o bom funcionamento da democracia.

A manutenção no poder se concretiza ao costurar as alianças com as classes elites da sociedade e distanciando da base de pirâmide social. Essa estratégia de manter-se no poder cria uma lacuna de representação no poder entre os que são “não elite. Portanto, a população periférica tem uma sensação de abandono ou traição a partir daqueles que mudaram de posição social ao chegar ao poder ou ao participar da máquina do poder do Estado. Este fato resulta em um desinteresse pela política e uma apatia pelos políticos. É frequente, na fala dos moradores o dizer que todos os políticos são ladrões ou que ao chegar ao poder, eles viram ladrões e abandonam a gente.

6.5. O aumento da população pentecostal nas periferias

O Brasil é considerado como um país católico. Segundo Brandão (1985), o catolicismo brasileiro se confunde com a própria cultura do país. No entanto, pesquisas recentes realizadas no Brasil mostram que a realidade está mudando numa forma acelerada nos últimos vinte cinco anos, com o avanço do crescimento da população que professa outras crenças. A pesquisa feita pelo Datafolha demonstra o quadro seguinte:

	1994	2001	2006	2007	2010	2013
Católicos	75 %	62%	67%	64%	63%	57%
Evangélicos Pentecostais	10%	17%	16%	17%	18%	19%
Evangélicos Não pentecostais	4%	4%	6%	5%	6%	9%
Espiritas	4%	5%	3%	3%	3%	3%

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

Kardecistas						
-------------	--	--	--	--	--	--

A pesquisa⁹ publicada no site G1.com.br

O quadro aponta a tendência de um crescimento maior dos evangélicos pentecostais e não pentecostais, e uma perda acentuada dos fiéis católicos. Suas influências são visíveis nas esferas dos poderes políticos do país. Na última eleição, o apoio das denominações pentecostais e neopentecostais foi fundamental para a reeleição da presidente Dilma, ainda mais, o número dos deputados federais denominados “bancada evangélica¹⁰” tem crescido numericamente e aumentando a sua influência com a eleição do presidente de câmara federal, Eduardo Cunha. Essa mudança no quadro religioso brasileiro se acentua de forma mais nítida nas periferias das grandes cidades como a de São Paulo. Pereira (2010) apresenta esse fato ao dizer:

“[...] embora os católicos estejam distribuídos de forma relativamente homogênea e entre os diversos grupos sociais, os mesmos ainda respondem pela maioria percentual entre a população mais rica, correspondendo a 76,1% desta camada social. Esse dado contrapõe-se com os evangélicos e pentecostais que agrupam os mais pobres, com índice de 17, 6% dentre eles” (PEREIRA, 2010, p.13).

Os dados mencionados comprovam os resultados da pesquisa realizada no bairro do Parque São Rafael, na Zona Leste de São Paulo, pelo autor. Dados do CEM (Centro de Estudos da Metrópole) revelam que, “[...] os pentecostais se concentram mais nas periferias, sobretudo nas zonas norte e leste de capital” (PEREIRA, 2010, p.06). As Igrejas pentecostais crescem numa velocidade maior nos bairros periféricos, principalmente entre as camadas mais baixas da sociedade. Com a lacuna aberta pela falta dos líderes da Igreja Popular e os compromissos sociais, ausência dos líderes sindicais e outros líderes que saíram da classe “não elite” para outras classes e outros problemas sociais e emocionais fizeram com que uma boa parte da população da periferia migrasse para as igrejas pentecostais. Os pastores conseguiram prometer

⁹ Site: G1.com.br, 21/07/2013 10h 11 – Atualizado em 21/07/2013 10h58. Fonte: Datafolha

¹⁰ O número de evangélicos no parlamento cresceu, acompanhando o aumento de fiéis. Segundo os últimos dados do IBGE, que são de 2010, o número de evangélicos aumentou 61% na década passada (2000 – 2010) Por sua vez, a Frente Parlamentar Evangélica (FPE), encabeçada pelo deputado e pastor José Campos, agrega mais de 90 parlamentares. (<http://www.uolnoticiaspolitica>. Andrea Dip da Agência Publica 19/10/2015 11h 44 Atualizada 19/10/2015 14 h 50).

respostas para os seus problemas cotidianos através da “teologia da prosperidade” para a população abandonada pelo Estado e outras esferas de poderes. A presença evangélica é evidente em praticamente todos os cantos dos bairros periféricos, seja pelas igrejas, lojas ou pelas pessoas vestidas conforme as normas da igreja à qual eles pertencem.

Os pastores ganharam visibilidade e influência na sociedade e substituíram os líderes da Igreja Popular e dos movimentos sociais. Os fiéis pentecostais não manifestam nenhum interesse pela política, se não for para votar nos candidatos indicados pelos pastores, ou seja, muitas vezes, os próprios pastores são candidatos nas eleições. Isso explica a crescente presença dos pastores e representantes das igrejas evangélicas, conhecidos como a “bancada evangélica” em todas esferas do poder no Brasil. Percebe-se na pesquisa, um bairro como do Parque São Rafael, que foi o berço das lutas políticas e movimentos sociais, transformou-se num lugar de acomodação e silêncio diante do abandono dos serviços do Estado, agora esperando uma resposta dos “homens de deus”, ao dar a eles a representatividade numa democracia.

São alguns dos motivos que identifiquei na pesquisa que colaboraram e colaboram para o silêncio da população no bairro do Parque São Rafael. Com certeza, haverá muitos outros fatores, que estejam influenciando neste processo, que precisariam ser abordados.

7. Considerações finais.

A memória é sempre social, ela transforma o passado em presente, ou melhor dizendo, o presente atua sobre o passado. Nessa encruzilhada do passado e do presente nas vidas dos pesquisados, abrem-se os campos da construção da cidadania dentro de uma democracia. Essas transformações que aconteceram na democracia brasileira, não gostaria que fossem analisadas como crises. Pois entendo que o uso do conceito “a transformação”, seria abordagem mais apropriada ao pensar numa linha de Bobbio (2015 [1984]). Para um regime democrático, o estar em transformação é seu estado natural. Compartilho a mesma ideia de que a democracia é dinâmica, ela se consolida e amadurece pelos *inputs* e *outputs* que acontecem dentro de um sistema político democrático. Porém, numa época quando os mecanismos de democracia não

funcionavam, os papéis da Igreja Popular e dos movimentos sociais foram importantes na redemocratização do país. A pesquisa feita num bairro periférico de uma cidade metropolitana, aponta para alguns fatores que influenciaram no enfraquecimento dessas agências que foram importantes na construção da cidadania de uma população que não tinha consciência da participação política.

Diante das transformações que acontecem na democracia, é natural que haja muitas abordagens feitas pelas mídias e analistas pelos interesses e pelas visões diferentes da realidade democrática de um país. Diante desse fato, é natural que uma parte da sociedade possa ter uma sensação de certa insegurança e alguns grupos possam apelar para volta das formas dos governos ditatoriais e totalitários. Essas cenas foram muito frequentes nas manifestações que ocorreram principalmente nos anos de 2015 e 2016 no Brasil. Seguindo a lógica de Bobbio (2015 [1984]), o jogo político democrático tem as regras preestabelecidas. A constituição de cada país democrático é um bom exemplo para que o jogo político possa ocorrer dentro de uma democracia de representatividade. Essas regras devem ser respeitadas, as instituições e os mecanismos de sociedade civil devem fiscalizar e vigiar, para que as regras da democracia como; a representatividade, a participação popular e a liberdade sejam preservadas.

Bresser-Pereira (2014) na sua abordagem da construção política do Brasil, apresenta várias etapas dessa construção até os dias de hoje. A democracia brasileira contemporânea é um jogo de forças e interesses que são representados através dos partidos políticos, pelos grupos econômicos, religiosos e os movimentos da sociedade civil. No cenário atual, a força da rede internet tem influenciado profundamente o jeito de fazer política no Brasil e no mundo todo. Esperamos que as transformações atuais pelas quais o Brasil passa no cenário político e social com uma boa parte dos políticos envolvidos na corrupção, possam despertar um interesse maior dos cidadãos no debate político. Com certeza, a rede internet tem sido uma ferramenta para fomentar esse debate e a participação política na atualidade (Gomes, 2005). Esperamos que o silêncio político das periferias seja quebrado pelos gritos da cidadania através de um Brasil conectado.

REFERÊNCIAS

- BERNARDO, Teresinha. (2007). *Memória em branco e negro: Olhares sobre São Paulo*. São Paulo: Ed.UNESP.
- BETTO, Frei. (1985). *O que é Comunidade Eclesial de Base*. São Paulo: Ed. Abril Cultural/Brasiliense.
- BOBBIO, Norberto. (2015). *O futuro da democracia*. 13ª edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz & Terra.
- BOFF, Leonardo. (2004). *Novas Fronteiras da Igreja: o futuro de um povo a caminho*. Campinas-SP: Ed. Verus.
- BRANDÃO, Rodrigues Carlos. (1985). *Ser católico: dimensões brasileiras um estudo sobre a atribuição através da religião*. Brasil & EUA: Religião e identidade nacional (pp. 27 – 58). Rio de Janeiro: Ed. Graal.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. (2015). *A construção política do Brasil: sociedade, economia e estado desde a Independência*. São Paulo; Editora 34.
- BURKE, Peter. (1989). *Cultura popular na idade moderna: Europa, 1500 – 1800*. São Paulo: Ed. Schwarcz Ltda.
- COMBLIN, José. (1994). Viver na cidade. In: José Oscar Beozzo (org.) *Curso de verão. Ano VIII, Coleção Teologia Popular*, p.57 -66. São Paulo: CESEP – Paulus.
- COUTINHO, Carlos Nelson. (2011). *Cultura e sociedade no Brasil: Ensaio sobre ideias e formas*. São Paulo: Ed. Expressão Popular.
- DURHAM, Eunice R. (1973). *A caminho da cidade*. São Paulo: Ed. Perspectiva.
- FERNANDES, Florestan (org.). (1972). *Comunidade e sociedade no Brasil*. São Paulo: Companhia editora nacional, editora da Universidade de São Paulo.

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

GOMES, Wilson. (2005). *A democracia digital e o problema da participação civil na decisão política*. Revista Fronteiras – estudos midiáticos, Vol. VII, No. 3, pp.214 -222, setembro/dezembro 2005. Unisinos.

HALBWACHS, Maurice. (2013). *A memória coletiva*. 7ª impressão. São Paulo: Ed.Centauro.

MATHEW, Giji. P. (2015). *Igreja Popular e Memória dos Velhos: Parque São Rafael – São Paulo*. Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PARETO, Vilfredo. (1966). As elites e o uso da força na sociedade. In: Souza, Amaury. *Sociologia e Política*. Rio de Janeiro: Zahar.

PEREIRA, José Carlos. (2010). *As fronteiras da Religião na metrópole*. Revista Nures N° 15 – maio/agosto, 2010. Pp. 1 -13. Disponível: <http://www.pucsp.br/revistanures>. Núcleo de Estudos Religião e Sociedade – Pontifícia Universidade Católica – SP ISSN 1981 -156X.

POLLAK, Michael. (1992). *Memória e identidade social*. Estudos históricos, **Vol.05.n.10**, pp.200 – 212, Rio de Janeiro.

RAMOS Graciliano. (2006). *Vidas Secas*. (100ª Edição) Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.

SARTORI, Giovanni. (1994). *A teoria da democracia*. São Paulo: Ed. Ática.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. (2007). *Democracia e Igreja Popular*. São Paulo: Educ.

ANEXOS

GRUPO FOCAL

Nome	sexo	idade	origem	escolaridade
Maria de Nazaré	F	80	São Paulo	pouca
Rute	F	79	São Paulo	pouca
Martha	F	86	Bahia	pouca

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

Aparecida	F	77	São Paulo	pouca
Izabel	F	70	M. Gerais	pouca
Clara	F	82	Pernambuco	bem
pouca				
Lídia	F	82	M. Gerais	pouca
Monica	F	77	M. Gerais	pouca
Paulina	F	78	Bahia	pouca
Tereza	F	89	Ceará	pouca
Madalena	F	76	São Paulo	quase
nada				
Francisca	F	74	São Paulo	pouca

ENTREVISTAS

Pe. José	Religioso	72 anos de idade
Judite	líder	76 anos de idade
Jeremias	líder	70 anos de idade
Moisés	líder	92 anos de idade